

Spike Lee sempre faz a coisa certa

Aos 68 anos, o maior ícone da luta antirracista entre os diretores autorais em ação nas telas lança na Croisette o thriller 'Highest 2 Lowest'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cotado para o Oscar sem sequer ter sido exibido, o thriller "Highest 2 Lowest" marca a volta de Spike Lee a Cannes, três anos depois de sua passagem como presidente do júri do maior festival de cinema de todo o planisfério audiovisual. A projeção é hors-concours, mas a procura do público pela produção supera a demanda por qualquer dos títulos já exibidos em concurso desde a abertura do evento, terça passada.

Foi Cannes quem jogou luzes sobre "Faça A Coisa Certa" (1989), o longa que pavimentou o prestígio

do realizador de 68 anos, além do recente "Infiltrado na Klan", que deixou a Côte d'Azur, em 2018, levando o Grand Prix cannoise. Seu novo exercício narrativo se ambienta em Nova York e tem como base o cult "Céu e Inferno" (1963), de Akira Kurosawa (1910-1998).

A releitura de Spike assume como seu protagonista o magnata da música David King (Denzel Washington). Ele recebe um pedido de resgate depois que um dos membros de sua família é sequestrado e se vê diante de um dilema moral de vida ou morte. A vida dessa família rica e de seu motorista está prestes a ser virada de cabeça para baixo. Jeffrey Wright e A\$ap Rocky integram o elenco.

"Estou ficando velho, não sou mais um garoto, mas ainda percebo que, quando falamos em racismo, as coisas ruins de antes ainda estão por aí", disse Spike ao Correio da Manhã, em sua passagem por Cannes com "Infiltrado Na Klan",



O astro Denzel Washington protagoniza o thriller 'Highest 2 Lowest'. O novo longa de Spike Lee já é cotado para o Oscar antes mesmo de sua estreia

Spike Lee: 'Tudo o que eu quero é fazer a América despertar. O doido (o presidente Trump) está por aí e precisamos abrir os olhos'

que lhe rendeu o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado. "Tudo o que eu quero é fazer a América despertar. O doido (o presidente Trump) está por aí e precisamos abrir os olhos".

Reclamar da idade virou uma constante nas recentes declarações do cineasta que fez da militância racial uma bandeira estética desde sua estreia na direção, em 1979 – data de seu primeiro curta-metragem, "Last hustle in Brooklyn".

Quando presidiu o time de jurados de Cannes, em 2021 (tendo Kleber Mendonça Filho a seu lado), o diretor de "Febre da Selva" (1991) não poupou críticas a Jair Bolsonaro (então presidente do Brasil) ao chamá-lo de gangster, publicamente.

"A bagunça permanece na América", diz Spike, que amplifica sua histórica parceria com Denzel, vinda lá de "Mais e Melhores Blues" (1990). "É sempre bom ter a família por perto".

Ofensiva queer chilena

Longe da disputa pela Palma de Ouro, na vitrine (também competitiva) da mostra Un Certain Regard, o contagiente drama de CEP chileno "La Misteriosa Mirada Del Flamenco", de Diego Céspedes, virou "O" acontecimento de Cannes em 2025. Filas gigantes se formaram nas projeções dessa reconstituição histórica da vida no

norte do Chile no início dos anos 1980, numa área de mineiração na qual um cabaré de mulheres trans e travestis enfrenta o boom da Aids.

Tudo é visto pelos olhos de uma menina, Lidia (Tamara Cortes), tratada como filha pela performer Flamenco (Matías Catalán), alvo de transfobia. Na trama, o contágio do HIV é tratado com misticismo,

numa crença de que a "peste" se espalha pela troca de olhares. "Houve uma mudança de comportamento das pessoas em relação à comunidade LGBTQIAPN+, mas também um retrocesso no último ano" disse Céspedes. "O Chile não é indiferente ao que se está a passar no mundo. A nova onda da ultradireita também nos tem afetado". (R.F.)



'La Misteriosa Mirada Del Flamenco', de Diego Céspedes, virou acontecimento de Cannes em 2025. Filas gigantes se formam nas salas onde o longa chileno é exibido